

A liberdade multidisciplinar de um Lighting Designer

Por Thaiza Dias

Sempre acreditei que o resultado do trabalho de um lighting designer é algo extremamente desafiador ou até mesmo difícil de explicar quando se está ali, diante de uma folha de papel ou da tela de um computador, de frente para um cliente, aquele cara que acredita no seu trabalho, pois o contratou pra resolver um problema ou dar vida pra algo que vai nascer. Assim como não é fácil explicar o resultado de algo tão efêmero, transformador, peculiar e mágico, creio ser complexo explicar o momento exato que nasce um profissional empoderado de ser um lighting designer.

Pelas minhas andanças neste mundo da iluminação, percebo que há muitíssima curiosidade sobre o tema, em entender qual a luz apropriada para cada tipo de cena, tarefa, paisagem, ambiente, dentre outras circunstâncias da vida real. E, seguindo esta mesma linha de raciocínio, vem uma perguntinha básica: onde posso aprender mais sobre o tema? Nela, em algumas vezes, tenho a releitura de: como me tornar um lighting designer? E toda vez que me deparo com este questionamento, na sequência tenho a mesma sensação já relatada acima, muita imaginação e poucas ferramentas concretas para ser mais transparente na resposta.

Fazendo um panorama geral da evolução desta profissão, deparei-me com a seguinte frase de Parry Moon, um americano e engenheiro elétrico que publicou sobre a profissão em 1936, no *The Scientific Basis of Illuminating Engineering*: “O lighting designer deve não só interessar-se nas ciências exatas e na economia de energia, mas também estar completamente familiarizado com a fisiologia do olho, as peculiaridades do nosso processo de ver, e seus efeitos psicológicos. Na maioria dos casos, ele também deve compreender da arte e da arquitetura a fim de produzir resultados agradáveis”, disse.



Divulgação

Isso me trouxe alguns questionamentos profundos sobre a profissão em si e sobre o meu papel no contexto atual que estou vivenciando, mas, ao mesmo tempo, uma clareza da complexidade de se tornar um lighting designer. Ainda segundo Parry Moon, passamos por áreas diversificadas e que são altamente complementares para atuar nesta profissão como: Ciências Exatas, Ciência da Computação, Engenharia, Ciências da Saúde, Arquitetura e Urbanismo, Psicologia e Artes.

Será que também por esse motivo ainda não tenha acontecido a formalização de alguma graduação específica nesta profissão multidisciplinar? Então vem à tona, novamente, o questionamento sobre como se tornar um e como se sentir apto para exercê-la de uma maneira segura e eficiente?

O que posso compartilhar sobre “o caminho das pedras” é a minha experiência prática nesta caminhada desafiadora, mas cheia de alegria, emoção e aprendizagem. Nesta trilha de desbravar diversas áreas de conhecimento numa única profissão, encontro algo comum na maioria dos colegas que cruzam meu caminho, que é a paixão por esta ferramenta intangível, que é a Luz.

Partindo desse princípio, acredito que a melhor formação que há é começar a enxergar com outros olhos tudo o que nos rodeia a todo instante, todos os estímulos que são perceptíveis aos nossos olhos, e colocar a mão na massa após uma base bem sólida de teoria, seja em cursos de especialização ou formação autodidata. E, independentemente da formação acadêmica, certamente a experiência adquirida durante esses trabalhos em equipe é altamente enriquecedora e valiosa para quem tem como meta um dia se tornar um lighting designer. ◀

Thaiza Dias é lighting designer titular do escritório Lupa - Luz Para Arquitetura.